

**III MOSTRA
CIENTÍFICA
ADMINISTRAÇÃO**

27 a 29 de maio 2026

*Conectando evidências, pessoas e
ideias para transformar realidades.*

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS TRABALHADORES DE PLATAFORMAS DIGITAIS NO BRASIL (2022–2024)

Matheus Monteiro Silva e Souza¹

Júlia Fernandes Santos²

Roney Versiani Sindeaux³

Introdução: a expansão das plataformas digitais de transporte e entrega tem promovido mudanças significativas no mercado de trabalho brasileiro, especialmente no setor de serviços. Esse fenômeno, frequentemente associado à chamada “uberização”, insere trabalhadores em novas formas de ocupação caracterizadas pela flexibilidade, mas também pela ausência de vínculos formais e proteção social. No Brasil, a crescente adesão ao trabalho mediado por aplicativos ocorre em um contexto de elevada informalidade e reestruturação produtiva, o que reforça a importância de compreender quem são esses trabalhadores. Harvey (1992) aponta que a plataformização não é apenas uma inovação tecnológica, mas um desdobramento do capitalismo flexível, marcado pela descentralização produtiva e pela transferência de riscos para o trabalhador. No contexto brasileiro, Antunes (2018) destaca que essas transformações configuram uma nova morfologia do trabalho, caracterizada pela intensificação da precarização. Além disso, Abílio (2019) analisa a uberização como forma de “autogerenciamento subordinado”, na qual o trabalhador aparenta autonomia, mas permanece submetido às lógicas das plataformas. Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo analisar o perfil sociodemográfico dos trabalhadores de plataformas digitais no Brasil, buscando identificar padrões de inserção ocupacional e possíveis desigualdades associadas a esse modelo de trabalho. **Método:** trata-se de um estudo quantitativo, descritivo e analítico, com base em dados secundários da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), com destaque para o suplemento “Trabalho por Meio de Plataformas Digitais de Serviço”, divulgado no final do ano de 2025 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com dados dos anos de 2022 e 2024. A análise concentrou-se nas variáveis sociodemográficas dos trabalhadores, incluindo sexo, idade, raça/cor e nível de escolaridade. Os dados foram organizados por meio de estatística descritiva, permitindo identificar padrões e tendências na composição desse grupo ocupacional. **Resultados:** os resultados indicam que o trabalho por plataformas no Brasil apresenta forte concentração em determinados grupos sociais e relativa estabilidade entre 2022 e 2024. Observa-se predominância expressiva de trabalhadores do sexo masculino, que representavam 83,9% em 2022 e 80,2% em 2024, enquanto as mulheres correspondiam a 16,1% e 19,8%, respectivamente, evidenciando persistente divisão ocupacional por gênero, ainda que com leve ampliação da participação feminina. Em relação à idade, a maior concentração permanece entre trabalhadores de 25 a 39 anos, correspondendo a 47,4% em 2022 e 47,3% em 2024, seguida pela faixa de 40 a 59 anos (36,4% e 36,2%). Os

[1] Graduado em Engenharia Civil. Universidade Estadual de Montes Claros.

matheus-monteiro-98@hotmail.com

[2] Graduada em Administração. Universidade Estadual de Montes Claros.

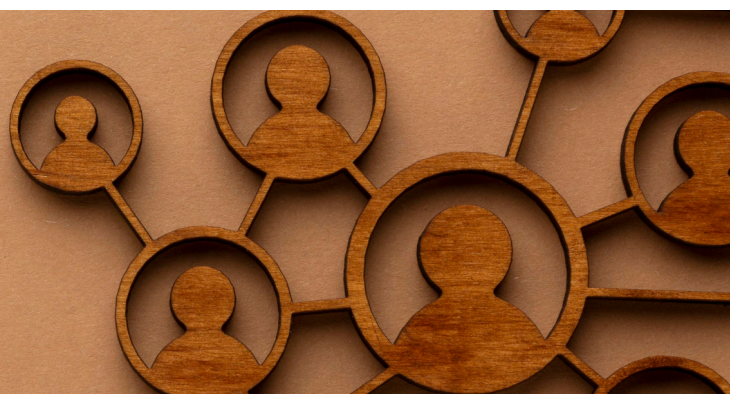
contato.juliafernandessantos@gmail.com

[3] Doutor em economia. Universidade Estadual de Montes Claros. roney.sindeaux@unimontes.br

MOSTRA CIENTÍFICA ADMINISTRAÇÃO

27 a 29 de maio 2026

*Conectando evidências, pessoas e
ideias para transformar realidades.*



jovens de 18 a 24 anos representam parcela menor, embora crescente (9,5% para 10,9%), enquanto os trabalhadores com 60 anos ou mais mantêm participação reduzida (6,0% para 5,3%), indicando concentração em adultos em idade produtiva intermediária. No que se refere à raça/cor, observa-se predominância de trabalhadores negros (pretos e pardos), com destaque para a população parda, que representava 61,3% em 2022 e passou a 64,3% em 2024, enquanto pretos correspondiam a 12,1% e 12,7% e brancos a 26,6% e 23,0%, respectivamente. Em termos absolutos, trabalhadores negros passaram de 968 mil em 2022 para 1.274 mil em 2024, reforçando sua centralidade nesse segmento. Quanto à escolaridade, verifica-se concentração em níveis intermediários de ensino, com predominância de trabalhadores com ensino médio completo ou superior incompleto (43,4% em 2022 e 44,7% em 2024), além de crescimento da participação de indivíduos com ensino superior completo (de 14,7% para 18,8%), indicando elevação gradual do nível educacional desse grupo. **Discussão:** os achados reforçam a interpretação de que a plataformização do trabalho não ocorre de forma neutra, mas está inserida em um contexto de desigualdades estruturais e reconfiguração do mercado de trabalho. A predominância de homens, adultos em idade produtiva e trabalhadores negros sugere que as plataformas atuam como mecanismo de absorção de grupos historicamente vulnerabilizados, reproduzindo padrões estruturais de inserção precária. Além disso, a concentração em níveis intermediários de escolaridade indica que o trabalho por aplicativos não se restringe a trabalhadores de baixa qualificação, mas tampouco oferece perspectivas consistentes de mobilidade ocupacional. Nesse sentido, a aparente autonomia associada a essas atividades deve ser relativizada, uma vez que os trabalhadores permanecem submetidos a mecanismos de controle e avaliação definidos pelas plataformas, conforme argumenta Abílio (2019). Assim, o trabalho por aplicativos pode ser compreendido como parte de um processo mais amplo de flexibilização e precarização das relações de trabalho, alinhado às dinâmicas do capitalismo contemporâneo. **Considerações finais:** o perfil dos trabalhadores de plataformas digitais no Brasil evidencia a presença de desigualdades estruturais e reforça o papel dessas ocupações como alternativa de inserção em um mercado de trabalho marcado pela informalidade e pela instabilidade. A plataformização, longe de representar apenas inovação tecnológica, configura-se como elemento central na reorganização do trabalho, com implicações relevantes para a proteção social e a formulação de políticas públicas. Como limitações, destaca-se a dependência de dados secundários e a ausência de informações mais detalhadas sobre condições de trabalho. Sugere-se que pesquisas futuras aprofundem a análise qualitativa das experiências desses trabalhadores, bem como investiguem os impactos de possíveis regulações no setor.

Referências:

- ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização do trabalho: subsunção real da viração. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n. 118, p. 41–64, 2019.
HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1992.

[1] Graduado em Engenharia Civil. Universidade Estadual de Montes Claros.
matheus-monteiro-98@hotmail.com

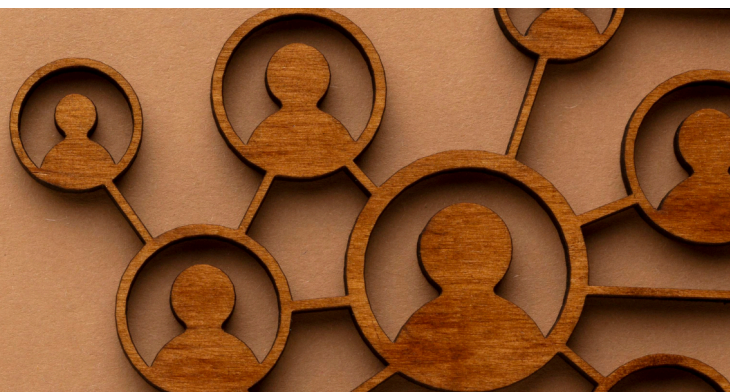
[2] Graduada em Administração. Universidade Estadual de Montes Claros.
contato.juliafernandessantos@gmail.com

[3] Doutor em economia. Universidade Estadual de Montes Claros. roney.sindeaux@unimontes.br

XV MOSTRA CIENTÍFICA ADMINISTRAÇÃO

27 a 29 de maio 2026

*Conectando evidências, pessoas e
ideias para transformar realidades.*



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua: trabalho por meio de plataformas digitais. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 19 abr. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). PNAD contínua: indicadores de mercado de trabalho. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 19 abr. 2026.

[1] Graduado em Engenharia Civil. Universidade Estadual de Montes Claros.
matheus-monteiro-98@hotmail.com

[2] Graduada em Administração. Universidade Estadual de Montes Claros.
contato.juliafernandessantos@gmail.com

[3] Doutor em economia. Universidade Estadual de Montes Claros. roney.sindeaux@unimontes.br